

ChatGPT: o fim do actual modelo de ensino-aprendizagem das universidades?

Grande parte dos modelos de avaliação passam pela capacidade de os alunos transmitirem ideias e conhecimento. Como isto pode agora ser feito por uma máquina, esses modelos de validação ficam em causa.



Pedro Ferreira

7 de Fevereiro de 2023, 16:06

Receber alertas



Ouça este artigo aqui

10 10 1.0x

00:00

05:23

Saber mais

“Talvez já tenha ouvido falar de mim. Eu sou o ChatGPT, um modelo de linguagem treinado pela OpenAI. O meu objetivo é ajudar os utilizadores a gerar texto semelhante ao humano com base na informação que me for fornecida. Como posso ajudar hoje?”

O parágrafo que acabou de ler é um texto produzido por uma inteligência artificial com a qual podemos estabelecer um diálogo. Este foi o texto de resposta à questão “quem és tu?”.



O ChatGPT (acrónimo para Generative Pre-trained Transformer), uma plataforma alimentada por inteligência artificial desenvolvida pela empresa OpenAI, é ainda uma versão beta, mas tem a capacidade de responder a (quase) tudo o que possa imaginar, desde textos simples (como respostas a emails), a textos bem mais complexos (como ensaios sobre os mais variados temas), passando por textos incompreensíveis para a maior parte de nós, como é o caso de linguagem de programação de uma qualquer *app*.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

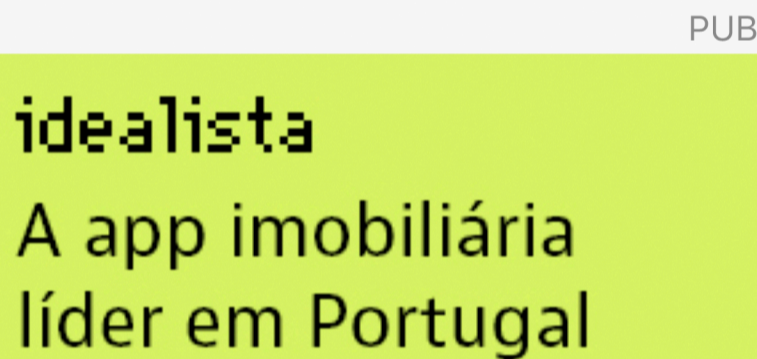
Alunos refazem exame após recorrerem ao ChatGPT em França

ChatGPT e outros serviços de inteligência artificial estão a ser banidos de escolas e universidades para evitar que alunos os usem para

LER MAIS

As capacidades desta tecnologia não devem ser menosprezadas. Recentemente, o ChatGPT obteve uma nota B (numa classificação de A a F, em que A é a nota mais alta) no trabalho final de uma disciplina de MBA na Wharton School, uma das mais prestigiadas escolas de negócios dos Estados Unidos. Mas não ficou por aqui: passou ainda no exame de acesso à Licença Médica e no exame de acesso à Ordem dos Advogados, ambos nos Estados Unidos. E os textos produzidos apresentam níveis de originalidade impressionantes. Num teste rápido, com base num pequeno ensaio de mil palavras, a percentagem de plágio é bem inferior a 10%, valor considerado aceitável para um texto académico.

Com esta capacidade de produzir textos sobre virtualmente tudo (e isentos de plágio), as implicações para o ensino-aprendizagem - e muito especialmente para a avaliação/validação de conhecimentos e competências - são absolutamente impressionantes.



É bastante comum nas universidades os estudantes terem de produzir trabalhos que implicam a pesquisa, análise e crítica de informação científica publicada. Este tipo de trabalhos permite que o aluno desenvolva competências de pesquisa, análise, sistematização e síntese de informação, para além da capacidade crítica.

Com esta ferramenta, um trabalho desta natureza pode não só ser inteiramente produzido artificialmente em segundos, sem intervenção humana, como se tem certeza que o texto passará facilmente nos principais *softwares* de detecção de plágio.

Grande parte dos modelos de avaliação nas universidades passam pela capacidade de os alunos transmitirem ideias e conhecimento, de forma estruturada e articulada. Mas como tudo isto pode agora ser feito por uma máquina, é todo um modelo de validação de conhecimento e competências que está em causa e pode, a prazo, cair por terra.

Face a esta realidade, a preocupação da academia é tal que já existem instituições (sobretudo nos Estados Unidos) a tentar encontrar soluções para regular - ou mesmo banir - a utilização desta ferramenta para fins académicos.



OPINIÃO



O ChatGPT e os desafios às universidades

Pedro M. Teixeira

LER MAIS

A solução terá de estar noutra tipo de abordagem. Para início de reflexão, talvez seja importante admitir que o problema não é o ChatGPT ou outra plataforma qualquer com base em inteligência artificial. O problema está na (in)capacidade de os modelos convencionais de ensino-aprendizagem (incluindo os modelos de validação e avaliação dos conhecimentos e competências) lidarem com novas realidades e desafios.

Em vez de proibir ou banir, as universidades terão de ser capazes de se reinventar. E existem dois aspectos que são essenciais para a reformulação dos modelos de ensino-aprendizagem.

Em vez de proibir ou banir, as universidades terão de ser capazes de se reinventar

Por um lado, a introdução de mais realidade nos momentos de aprendizagem e de validação dos conhecimentos e competências. As tecnologias, como o ChatGPT, conseguem produzir textos genéricos articulados e suficientemente bem redigidos. Mas não conseguem resolver problemas com níveis de especificidade elevados; problemas que, apresentando contornos tão específicos, são impossíveis de resolver pela mera compilação de informação, exigindo criatividade e um estilo de pensamento “*out of the box*” tão característico do ser humano.

Outro elemento crucial em que deverão assentar os modelos de ensino-aprendizagem é a interacção social. O relacionamento permite não só desenvolver competências transversais e sociais (tão valorizadas pelo mercado de trabalho), mas são também a ignição para a partilha e desenvolvimento de ideias. Além disso, a interacção é igualmente um excelente promotor da saúde mental. As universidades têm por isto de “injectar” interacção e relacionamento humano nos seus modelos de ensino-aprendizagem, incentivando e estimulando a dimensão relacional, a troca de ideias, o trabalho em equipa, os ambientes colaborativos, preferencialmente “*gadgets free*”.

As universidades são um produto social, que não se pode desligar da realidade que a envolve. Por isso, o grande desafio das universidades será, mais cedo ou mais tarde, a incorporação de fenómenos, como o ChatGPT, nos seus modelos de ensino-aprendizagem.